



## A CONTRIBUIÇÃO DO JOVEM NIETZSCHE PARA O FORTALECIMENTO DA RELAÇÃO ENTRE VIDA, PENSAMENTO E DOCÊNCIA

*Abraão Lincoln Ferreira Costa<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente estudo tem o interesse de realizar uma reflexão a partir do uso dos termos “vida”, “pensamento” e “docência”. Para tanto, foram revisados diversos textos e as memórias do próprio autor, diretamente responsáveis pela motivação e início da sua tese de doutorado. Logo, o método empregado consiste no levantamento bibliográfico das obras de Friedrich Nietzsche e dos seus intérpretes que, antes e durante todo o processo de produção e defesa da tese, serviram de apoio para as conclusões alcançadas. Assim sendo, entende-se que a leitura dos escritos de juventude de Nietzsche, somados às experiências na docência do autor deste artigo, permitiram o desenvolvimento juntamente com a melhor noção acerca da relação entre vida, pensamento e docência.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Filosofia. Pensamento. Vida. Docência.

**Abstract:** The present study aims to reflect on the use of terms life, thought and teaching. To this end, several texts and the author's memories were reviewed, directly responsible for the motivation and beginning of his doctorate. Therefore, the method used consists of a bibliographical survey of the works of Friedrich Nietzsche and his interpreters which, before and throughout the process of producing and defending the thesis, served as the basis for the conclusions reached. Therefore, it is understood that reading Nietzsche's youthful writings, added to the teaching experiences of the author of this article, allowed the development together with a better notion about the relationship between life, thought and teaching.

**Keywords:** Nietzsche. Philosophy. Thought. Life. Teaching.

Qual é a tese da minha tese? A proposta sugerida para apresentar no XXVI Simpósio de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná trouxe várias inquietações até certo tempo esquecidas. É preciso lembrar-se, antes de tratar diretamente sobre o tema, dos eventuais desvios de costume, ocasionados pelo rigor dos conceitos acadêmicos que, por tantas vezes, corrigiram várias das minhas intenções ou, simplesmente, da obrigatoriedade de precisar acolher as sugestões dos examinadores e do meu orientador, a quem guardo profunda gratidão. Pareci acompanhar ao

---

<sup>1</sup> Pós-doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: abraaofilosofia@gmail.com

longo de todo o processo uma interessante metamorfose de ideias, começando por um princípio ingênuo e romântico até vir a se tornar algo aparentemente seguro e delimitado.

Reitero o quanto toda a experiência no decorrer da escrita obedeceu, precisamente àquilo que acima acabo de confessar. No entanto, diferentemente de alguns colegas, considero as mudanças sofridas durante a pesquisa fartamente benéficas e, portanto, em nenhum momento capazes de prejudicar aquilo que outrora havia pensado como essencial. Faço menção a isso, pois, ao contrário de mim, vários insatisfeitos fizeram queixas referentes à sujeição e descaracterização de pensamentos há anos guardados por orientandos, à espera de serem lançados mundo afora, conquistando a notoriedade e o respeito tão almejados. Pensamentos quase sempre censurados pela implacável autoridade de seus orientadores, mas também por motivos justos, costumavam trazer seus orientandos de volta à realidade, a fim de reforçar os critérios comuns à ciência ao passo da diferença entre a pesquisa e o devaneio.

Ao tratar da tese da minha tese, descrevo agora o começo de quando tudo começou e qual filosofia parecia corresponder aos meus anseios acadêmicos. O trabalho docente realizado há anos na rede pública de ensino do Distrito Federal, e também no ensino superior, chamou a atenção pela carga burocrática geralmente imposta ao longo do ano letivo. Faço menção ao preenchimento de diários, o fechamento das notas, o reconhecimento dos estudantes através do código de matrículas, as reuniões exaustivas, o acúmulo de documentos, laudos médicos e horários rígidos a serem cumpridos. Ademais, as exigências conteudistas, senão distantes da vida real dos estudantes, somente os forçavam ao pragmatismo de duas metas a serem alcançadas: a universidade e a empregabilidade. O problema parecia cada vez mais acentuado, lembrando neste momento a sociologia de Baudelot e Establet<sup>2</sup> acerca das redes de escolarização destinadas aos ricos e pobres: o ensino superior para os mais abastados e o ensino profissionalizante para os desfavorecidos.

Em termos práticos, suspeitava predominar uma forma de educar incompatível com os autênticos interesses da vida. Certamente, é justo pensarmos quais seriam esses interesses e sem nenhuma surpresa admitirmos espantados a incapacidade de muitos estudantes de sequer terem ideia dessa resposta. Por conta disso, minhas inquietações e problemas passaram a buscar alento no meio acadêmico. Desde então, comecei a procurar as respostas recorrendo a leituras sempre voltadas para a filosofia da educação, até a sorte de receber de uma ex-aluna do curso de pedagogia o livro *Nietzsche: Filosofia e Educação*, organizado pela professora Vânia Dutra Azeredo, da

---

<sup>2</sup> Roger Establet e Christian Baudelot produziram, em 1971, a obra *A escola capitalista na França*, fortemente influenciada pelas ideias marxistas. A despeito de ser um livro pensado a partir da conjuntura social francesa na década de 70, quando os autores tratam do problema da sociedade dividida nas classes burguesa e proletariado e os destinos opostos de cada jovem em decorrência da sua condição social, não é difícil compararmos e adequarmos esse estudo de acordo com a realidade das escolas brasileiras.

editora Unijuí. Esta obra reúne textos de diferentes autores brasileiros, destacando o de Scarlett Marton, *Claustros vão se fazer outra vez necessários* e o de Wilson Frezzatti, *Educação e Cultura em Nietzsche: o duro caminho para “tornar-se o que se é”*, sem deixar de mencionar o de Ester Maria Dreher Heuser, *Paidéia: A crueldade espiritualizada*. Esses trabalhos não somente falam da relação existente entre Nietzsche e a educação, como ainda se aproximaram do meu horizonte de pesquisas.

O texto escrito por Marton promove o estudo das mudanças econômicas ocorridas na Alemanha, a partir da Revolução Industrial tardia do século XIX em consonância com o processo de unificação das províncias alemãs. Em suma, a efervescência dos acontecimentos históricos naquele país, descritos pela pesquisadora (Marton, 2008, p. 19), afetaram duramente o projeto de uma cultura humanista pensada pelo jovem Nietzsche e por outros, como o professor e pesquisador Jacob Burckhardt. Já Wilson Frezzatti utiliza parte de sua pesquisa de doutorado para tratar a respeito do tema da educação como cultivo. Dentre vários assuntos, o artigo do pesquisador busca nas obras nietzschianas, dando ênfase às *Extemporâneas*, analisar os efeitos sofridos pela educação [*Erziehung*] alemã, diferenciando esse termo do sentido da instrução escolar [*Schulung*] e da simples erudição livresca [*Gelehrsamkeit*], já que a primeira possui o significado mais amplo, sendo entendida como inseparável da vida (Frezzatti, 2008, p. 43). Numa outra direção, Heuser (2008, p. 131) embora desenvolva o estudo da relação entre cultura, pensamento e natureza na filosofia de Nietzsche, utiliza em boa medida a interpretação deleuziana a fim de atingir o êxito das suas conclusões.

Não cabe aqui nenhum aprofundamento nos textos mencionados, visto que foram apresentados superficialmente com o único intuito de mostrá-los como porta de entrada para aquilo que tornar-se-ia a tese da minha tese. O desafio maior passou a ser o de examinar as reflexões do pensador alemão do século XIX, verificando as chances de deslocá-las para um ambiente consideravelmente distinto daquele em que viveu. Ora, a realidade dos estabelecimentos de ensino no Brasil possui peculiaridades que divergem consideravelmente dos ambientes escolares alemães do século XIX. Contudo, o brilhantismo de Nietzsche é facilmente encontrado na sua extemporaneidade e, lembrando Jorge Larrosa (2009, p. 11), hoje em dia, o pensador alemão escreve melhor. E escreve melhor porque notamos a sua crescente influência, ocasionando o aumento expressivo das pesquisas sobre suas obras no Brasil e, desse modo, a contribuição direta para a criação de pensamentos férteis e singulares.

E o Brasil? Podemos ou não balizar o nível dos nossos estabelecimentos de ensino conforme aquilo que Nietzsche pensara? Arriscamo-nos a deduzir que, apesar dos seus escritos datarem de mais de 130 anos, algum leitor desatento à vida e às obras do pensador alemão suporia

tratar-se de uma visão crítica e atualizada da nossa educação atual. Sua filosofia combativa encontrou forte eco não só nos países europeus, mas também em boa parte dos países latino-americanos, a destacar o Brasil. As queixas do ensino mercadológico, da rápida maturação dos alunos, do interesse na subserviência estadista, do pragmatismo e do ganho de dinheiro parecem ter se naturalizado em nossa sociedade, a ponto de abarrotarem várias instituições acadêmicas de promessas que asseguram aos seus estudantes uma formação rápida, útil e rentável.

Como professor de filosofia, notei as semelhanças ainda mais estreitas quando passávamos a conferir, a partir de 2018, a implementação do projeto político, de alguns governos estaduais, do ensino da gestão militarizada em várias escolas públicas do país. Espantosamente, nas palavras de Nietzsche: os “privilégios militares impõem formalmente a *excessiva frequência* das escolas superiores, ou seja, da decadência” (2006, p. 59). Não obstante, é possível insinuar que vemos a passos largos a domesticação e a burocratização das escolas substituírem os dons artísticos, a exemplo da pintura, da música e do teatro, a serviço de planos e metas de ensino estabelecidos pela cultura estadista. A censura de trabalhos artísticos, a inflexibilidade ou “pressa indecente” aparentemente vista na economia capitalista exigiria a formação de trabalhadores dóceis e obedientes aos costumes impostos pela sociedade.

Influenciado pelo pensamento nietzschiano, passei a me dedicar à leitura dos escritos de juventude, já que possuíam as informações capazes de atender aos anseios que existiam naquele momento. As conferências proferidas na Universidade da Basileia, intituladas *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* e, em seguida, *As Considerações Extemporâneas* até a fase de *Humano, demasiado humano* demarcam precisamente onde mais procurei as respostas. Nietzsche, semelhante a outros docentes, aspirava a um modelo de ensino empenhado na formação [*Bildung*] humana e integral do sujeito, e não destinada à servidão, à empregabilidade e ao lucro. A pretexto disso, o filósofo concluiu o quanto era importante o fortalecimento de uma cultura ligada à vida, ao invés de sobrepor os assuntos econômicos e do Estado. Afinal, a educação jamais deveria estar vinculada a qualquer interesse burocrático, sendo isso, na verdade, o reflexo da modernidade, defensora do dogma da economia política, interessada em gerar “homens comuns”, destinados à busca da felicidade através da aquisição de dinheiro e do status social (Sobrinho, 2012, p. 13-14).

Essa era, portanto, a tese da minha tese: adequar as leituras dos escritos do jovem Nietzsche segundo a realidade dos estabelecimentos de ensino no Brasil. A despeito dos problemas do tempo e do lugar, somados à censura de alguns acadêmicos preocupados com essa suposta transposição da filosofia nietzschiana, procurava enxergar além das advertências acadêmicas, pois buscava um pensamento não limitado às regras, e sim disposto a falar sobre a relação entre vida e pensamento. De início, esses obstáculos me fizeram lembrar de Deleuze (2009, p. 20) ao examinar a filosofia

socrática como aquela que restringe o pensamento a simples formas de avaliação e limite, comprometendo o modo de viver e de pensar. Logo, foi necessário traçar novos planos em condições de viabilizar todas as ideias, ciente da importância de ressignificar, em boa parte, meus pensamentos, de modo a fazer tal como Nietzsche fizera – experimentar.

Assim, procurei reestruturar a tese, considerando a crítica nietzschiana feita à educação enquanto resultado de um processo depauperante gerado a partir da cultura moderna. Segui então o mesmo caminho marginal de outros autores, ou seja, de uma contra-história da filosofia, já mostrada por Michel Onfray, porém uma história do pensamento filosófico oficialmente anunciada ao mundo de maneira enaltecida. Em verdade, a história da filosofia, desde Sócrates aos hegelianos, representaria a submissão humana, levando-nos ao declínio no momento em que, no culto exacerbado à razão, afetasse gravemente o equilíbrio existente entre a vida e o pensamento (Deleuze, 2009, p. 22). Para Nietzsche, a autenticidade da filosofia só pode residir na capacidade clínica de tratar dos problemas atuais, por isso deixando de ser histórica e metafísica, tornando-se intempestiva (Deleuze, 2009, p. 22-23). Nesse aspecto, levando em conta a tese da minha tese, não poderia estar errado em querer pensar com liberdade, todavia, embora sob o justo limite das regras acadêmicas, comuns a qualquer tese de doutorado.

A respeito do futuro dos estabelecimentos de ensino alemães, Nietzsche (2012, p. 51) jamais pensou na adoção de modelos universais de educação, tendo em vista a importância de se saber renunciar a certas comparações e julgamentos de valor no instante em que as condições de outros povos, mesmo considerados mais cultos, sejam por vezes díspares ao nosso estilo de vida. Portanto, é preciso a qualquer interessado nesses estudos dispor de três qualidades: “ser calmo e ler sem pressa, não deve privilegiar a si e à sua cultura, não deve, enfim, esperar por encerrar um quadro de resultados” (Nietzsche, 2012, p. 54). E quem seria a melhor inspiração para atender a essas exigências? A resposta é encontrada na *Segunda Consideração Extemporânea: Schopenhauer Educador*. A figura de Schopenhauer, personificada pelo jovem filósofo, reunia vida e pensamento, tornando-se por isso incapaz de sucumbir aos interesses do Estado. Nas próprias palavras de Nietzsche:

Schopenhauer, ao contrário, fala para si mesmo: ou caso se queira realmente supor para ele um ouvinte, que se pense num filho instruído por seu pai. Este é um discurso correto, rude e benevolente diante de um ouvinte que escuta com amor. Carecemos destes escritores. A vigorosa euforia de quem fala nos envolve no primeiro acento de sua voz; experimentamos então o mesmo sentimento de quando penetramos no bosque, respiramos profundamente e de repente nos sentimos bem de novo. Sentimos isso, há aí um ar sempre igual e fortificante, aqui reinando uma certa desenvoltura, um certo natural inimitáveis, como só os possuem os homens que se encontram no íntimo de si mesmos, e que são principalmente senhores de uma rica morada; em oposição a esses escritores, que

são os primeiros a se admirar quando por acaso se mostram espirituais, e cujo discurso adquire com este fato algo inquieto e forçado (2012, p. 172).

Os elogios feitos a Schopenhauer revelam uma incontestável tipologia dotada de qualidades suficientes para combater a educação e a cultura europeia daquele tempo. Entretanto, no decorrer dos estudos, é interessante notarmos a ressignificação à qual a filosofia nietzschiana esteve propositadamente sujeita. Enquanto na *Segunda Extemporânea* vê-se a abundância de elogios dedicados ao autor de *Parerga e Paralipomena*, diferentemente disso, em *Humano, demasiado humano* temos outro Schopenhauer, considerado fraco e pessimista, ao comprometer o valor da vida ao extrair dela a força mediante os preceitos metafísicos da vontade. Nietzsche, um contraditório? Acredito que não. Podemos ver, sim, um habilidoso estrategista, intencionado em criar alianças a fim de criticar pensamentos que lhe causassem desagrado e, então, apenas depois iniciaria uma outra guerra, desta vez contra aqueles a quem anteriormente se unira (Marton, 2010, p. 17).

Essa é a razão pela qual passei a defender a tese de que o tratamento de Friedrich Nietzsche aos temas da cultura e da formação sofrera uma variação intencional ao longo das suas obras. Nas *Considerações Extemporâneas* (1873-1876), o filósofo aponta para os sentidos histórico e formativo coadunados com o interesse metafísico-schopenhauriano, dando vazão ao projeto acerca da ambientação e do florescimento do gênio artístico na Alemanha. Já em *Humano, demasiado humano* (1878), decreta o abandono a algumas das apropriações utilizadas nos anos anteriores, passando a dar lugar a uma valorização da postura científica, largamente difundida naquele período. Diante desse corolário, percebi o quanto o aparente desvio, no pensamento nietzschiano, de uma concepção trágico-metafísica para uma perspectiva marcada fortemente pelas ciências, revela algo além de uma simples revisão de conteúdo: trata-se, na verdade, da construção de uma filosofia do experimento [*Versuch*].

Após minha sucinta exposição, esclareço que o objetivo da tese passou a ser o de investigar os conceitos de “cultura” e “formação” desde a fase das *Extemporâneas* até a publicação de *Humano, demasiado humano*. Para tanto, abordei inicialmente a crise dos estabelecimentos de ensino alemães, a crítica ao filisteísmo cultural e as pretensões apontadas como forma de reversão do quadro depauperante da cultura moderna. Em seguida, procurei investigar o sentido histórico [*historische Philosophiren*], explorando as noções de “a-histórico” [*Unshistorisch*] e de “supra-histórico” [*Überhistorisch*], entendendo-os como rivais do historicismo hegeliano e da história positivista, segundo Nietzsche, danosos para o desenvolvimento do novo sentido histórico e da cultura superior. Na sequência, utilizei os *Fragmentos Póstumos* de 1872 a 1875, permitindo-me, dessa maneira, reconhecer a intenção de promover gradativamente a ruptura e transição da concepção metafísica até a apropriação de uma postura científica. Por fim, a ideia de autoformação,

alinhada ao projeto de uma cultura elevada, constitui-se de árduo empenho, exigindo a estreita relação entre a filosofia, a arte, a ciência e, sobretudo, a vida<sup>3</sup>.

Em linhas gerais, concluo jamais ter elaborado, escrito e, tampouco defendido minha tese de doutoramento sem, de início, pensar sobre qual seria a tese da minha tese. Vivi ao longo dessa jornada momentos assertivos, mas também de incongruências e contradições, certamente comuns no decorrer de processos parecidos. Entendi que ao contrário de outros nomes da filosofia reconhecidos pela uniformidade e sistematização das ideias, a exemplo de Kant ou Descartes, Nietzsche representa uma alternância de estilos, quer sejam eles contínuos, críticos ou poéticos. Houve, diante disso, a preocupação em produzir cientificamente e também precaver-me contra qualquer risco de desvirtuar sua filosofia que sempre se notabilizou pela singularidade. Enfim, o mais importante, além de darmos vazão aos próprios pensamentos, é despendermos empenho na árdua tarefa da pesquisa que nos fora atribuída, sem rejeitarmos em momento nenhum a contribuição valiosa que os outros possam nos oferecer.

## REFERÊNCIAS

COSTA, L. F. Abraão. *Das Extemporâneas à Humano, demasiado humano*: as noções de cultura, história e formação em Nietzsche. 2020. 186 folhas. Tese de Doutorado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Toledo, 2020.

DELEUZE, G. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2009.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

ESTABLET, Roger; BAUDELLOT, Christian. *L'école capitaliste en France*. Paris: Maspero, 1971.

FREZZATTI, Wilson Antonio. Educação e cultura em Nietzsche: o duro caminho para “tornar-se o que se é”. In. AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). *Nietzsche: Filosofia e Educação*. Ijuí – RS/Unijuí, 2008, p. 39-65.

GOETHE, J.W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: 34, 2015.

HEUSER, Ester Maria Dreher. Paidéia: a crueldade espiritualizada. In. AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). *Nietzsche: Filosofia e Educação*. Ijuí – RS/Unijuí, 2008, p. 129-153.

---

<sup>3</sup> O parágrafo sintetiza toda a produção de minha tese de doutorado, cujo título é *Das Extemporâneas a Humano, demasiado humano*: as noções de cultura, formação e história em Nietzsche.

JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, 3 volumes.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

MARTON, Scarlett. Claustros vão se fazer outra vez necessários. In. AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). *Nietzsche: Filosofia e Educação*. Ijuí – RS/Unijuí, 2008, p. 17-38.

NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofar com o martelo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. W. Schopenhauer como Educador. In. NIETZSCHE, F.W. *Escritos sobre educação*. Tradução de Noéli C. M. Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: Puc-Rio/Loyola, 2003b. p.138-222.

NIETZSCHE, F. W. Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino. In. NIETZSCHE, F. W. *Escritos sobre educação*. Trad. Noéli C. M. Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2003c. p. 41-137.

NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad.: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

SCHOPENHAUER. *Parerga e Paralipomena: a collection of philosophical essays*. La Vergne (EUA): Lightning Source, 2007.